

Circo na escola: *(re)pensando possibilidades a partir da formação continuada de professores/as*

Circus at school:
(re)thinking possibilities based on teachers continuing education

El circo en la escuela:
(re)pensando posibilidades a partir de la formación continua docente

TERESA ONTAÑÓN BARRAGÁN*

Universidade do Estado de Minas Gerais, Ituiutaba – MG, Brasil.

RITA DE CASSIA FERNANDES**

Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia – MG, Brasil.

LAYANE PEREIRA GOMES***

Universidade do Estado de Minas Gerais, Ituiutaba – MG, Brasil.

RESUMO: Esta pesquisa teve como objetivo analisar e promover o ensino do circo em escolas de Educação Básica do Triângulo Mineiro. Por meio de um questionário, foi efetivado o mapeamento dos/das docentes da região e, a partir dele, implementado um curso de formação continuada. Os/As participantes do curso foram entrevistados/as para identificar possíveis dificuldades no trato pedagógico dos conhecimentos relativos ao circo. Os resultados mostraram que há interesse pela temática, sendo destacadas algumas dificuldades nesse trabalho, como o risco envolvido nas atividades e a falta de conhecimento ou materiais específicos, aspectos tratados no curso de formação. Conclui-se que para que o circo seja abordado de maneira a aproveitar

* Doutora em Educação Física. Professora na Universidade do Estado de Minas Gerais. Pesquisadora Produtividade da UEMG – PQ/UEMG. *E-mail:* <teresa.barragan@uemg.br>.

** Doutora em Educação. Professora na Universidade Federal de Uberlândia. *E-mail:* <rita.miranda@ufu.br>.

*** Graduanda em Educação Física na Universidade do Estado de Minas Gerais. Bolsista do Programa de Iniciação Científica PAPQ da UEMG. *E-mail:* <layanegomesedfisica@gmail.com>.

seu potencial educativo, corporal e artístico é imprescindível investir na formação inicial e continuada, caso contrário ficará restrito a experiências isoladas, caricaturizadas e carentes de significado.

Palavras-chave: Escola. Circo. Formação Continuada. Educação Física. Arte.

ABSTRACT: This research aimed to analyze and promote circus teaching in elementary schools in the Triângulo Mineiro. Through a questionnaire, the teachers in the region were mapped and, based on this, a continuing education course was implemented. The participants of the course were interviewed to identify possible pedagogical difficulties regarding their knowledge on circus. The results showed that there is interest in the subject, but some difficulties were highlighted in this study, such as the risk involved in the activities and the lack of knowledge or specific materials, aspects also addressed in the course. On this account, in order for the circus to be approached in a way that the participants can make the most of its educational, physical and artistic potential, it is essential to invest in initial and continuing education, otherwise it will be restricted to isolated, caricatured experiences that lack meaning.

Keywords: School. Circus. Continuing Education. Physical Education. Art.

RESUMEN: Esta investigación tuvo como objetivo analizar y promover la enseñanza del circo en las escuelas de educación básica del Triângulo Mineiro. A través de un cuestionario se realizó el mapeo de docentes de la región, y a partir del mismo, se implementó un curso de formación continua. Los/as participantes del curso fueron entrevistados/as para identificar posibles dificultades en el abordaje pedagógico del conocimiento relacionado con el circo. Los resultados mostraron que hay interés en el tema, destacando algunas dificultades en este trabajo, como el riesgo que implican las actividades y la falta de conocimientos o materiales específicos, aspectos cubiertos en el curso de capacitación. Se concluye que para abordar el circo de manera que se aproveche su potencial educativo, corporal y artístico es fundamental invertir en formación inicial y continua, de lo contrario nos limitaremos a experiencias aisladas, caricaturizadas y sin sentido.

Palabras clave: Escuela. Circo. Formación Continua. Educación Física. Arte.

Introdução

há ainda inúmeras barreiras para que a arte e, mais especificamente, o circo, possam ocupar o espaço escolar de modo amplo e consolidado. Contudo, professores continuam inspirando-nos e mostrando soluções criativas e inovadoras que permitem confiar num futuro ainda melhor. Em suma, acreditamos firmemente que a Arte precisa de maior atenção nos debates pedagógicos, seja no âmbito governamental, seja nas próprias instituições educativas (RIBEIRO *et al*, 2021, p. 257).

O circo é uma arte polissêmica, amplamente difundida ao redor do mundo e que faz parte do nosso patrimônio artístico e cultural (UNESCO, 1988). Durante muitos anos, essa linguagem artística foi considerada unicamente como arte do entretenimento, mantendo certo distanciamento das instituições educativas. A partir da segunda metade do século XX, observamos como escolas, projetos sociais e universidades começam a se interessar pelo potencial educativo do circo (HOTIER, 2003; MATEU & BORTOLETO, 2011; COASNE, 2013). Nesse momento, por meio de muitos estudos e pesquisas, especialmente no âmbito das manifestações educativas construídas no espaço disciplinar da educação física, foi observado o enorme potencial lúdico-pedagógico que o circo mostrava, fazendo com que houvesse uma explosão de experiências docentes, não apenas no Brasil (ONTAÑÓN & BORTOLETO, 2014; KRONBAUER & NASCIMENTO, 2014; CARDANI *et al*, 2017; SANTOS-RODRIGUES, BORTOLETO & LOPES, 2023), mas também em outros países (BUSSE, 1991; INVERNÓ, 2003; FOUCHET, 2006; PRICE, 2012; CHUNG, 2010; BORTOLETO *et al*, 2022).

Atualmente, a temática mostra a legitimidade do circo no contexto educativo, fruto do amplo interesse de docentes, artistas, educadores/as e grupos de pesquisa dedicados a seu estudo e suas relações com a educação, como apontam Rita Miranda e Eliana Ayoub (2017). Cada vez mais as instituições educativas incorporam o circo em seus currículos, fazendo com que se observem em muitos lugares os impactos na formação inicial, especialmente nos cursos superiores de educação física e arte. Tais áreas passaram a incluir o circo em suas matrizes curriculares (BORTOLETO & CELANTE, 2011; MIRANDA & AYOUB, 2017), bem como apresentaram diversas iniciativas de formação continuada (TIAEN, 2014) e no âmbito da extensão universitária (ABRAHÃO, 2011; ONTAÑÓN *et al* 2016), campos que serão contemplados neste artigo.

Além do potencial educativo e artístico que a parceria entre o circo e a escola apresenta, os estudos mostram também alguns pontos a serem observados. Por exemplo, algumas experiências docentes apresentam certas fragilidades, como escassa reflexão técnica, teórica ou estética (COASNE, 2013) e mesmo falhas na questão de cuidados com a segurança, como apontam Diego Ferreira, Marco Antônio Bortoleto e Ermínia Silva (2015). Apesar de entendermos que essas vulnerabilidades não são exclusividade da temática

abordada, destacamos que tal aproximação deve ser pensada com cuidado, atendendo às especificidades pedagógicas do circo.

Outro ponto que merece atenção é o fato de termos ainda uma forte defasagem entre a demanda – necessidade de formação – e o que se oferece, seja na formação inicial ou continuada de professores/as. Embora tenhamos constatado o interesse de algumas instituições para incluir esses conhecimentos na formação inicial em educação física, observamos que os debates são incipientes e localizados (ONTAÑÓN & BORTOLETO, 2014; TUCUNDUVA, 2015; MIRANDA & BORTOLETO, 2018).

Por outro lado, identificamos como a inserção do circo nas escolas é mais efetiva em algumas regiões do Brasil. Por certo, ao analisarmos a produção bibliográfica brasileira sobre o ensino do circo na escola, notamos como a região Sudeste é a que mais pesquisas e relatos de experiência apresenta sobre a temática (ONTAÑÓN, DUPRAT & BORTOLETO, 2012). Contudo, e diante de observações realizadas nos últimos anos, percebemos que a região do Triângulo Mineiro ainda não incluiu o circo nos currículos escolares, e são pouquíssimos/as professores/as que se ‘aventuram’ nesses conhecimentos. Assim, o objetivo geral deste trabalho foi o de mapear o ensino do circo nas escolas básicas da região do Triângulo Mineiro. Como objetivos específicos, procuramos conhecer a realidade educativa regional referente a ensino e vivência do circo, especialmente na microrregião de Ituiutaba/MG, que agrega os seguintes municípios: Cachoeira Dourada, Capinópolis, Gurinhatã, Ipiacu, Ituiutaba e Santa Vitória; contribuir para o enriquecimento da educação da região, por meio da elaboração de um curso de formação de professores/as que entenda a arte circense como prática corporal pertinente ao currículo educativo; produzir materiais pedagógicos que contribuam para o ensino do circo na escola; entender as principais dificuldades que os/as docentes e instituições encontram ao inserir as atividades circenses na escola.

Aspectos metodológicos

A pesquisa foi desenvolvida numa perspectiva qualitativa, com foco na descrição pormenorizada do problema anteriormente apresentado, resultando num estudo de natureza descritivo-exploratória (HEINEMANN, 2003). Inicialmente, realizamos exaustiva pesquisa documental sobre a literatura especializada, visando atualizar o estado da arte no Brasil, além de ampliar análises preliminares (ONTAÑÓN, DUPRAT & BORTOLETO, 2012; SANTOS-RODRIGUES *et al*, 2021). Nessa pesquisa, houve aprofundamento e foco no estado de Minas Gerais, com análise das publicações e documentos oficiais, tais como orientações curriculares. A pesquisa bibliográfica foi realizada a partir das diretrizes apresentadas por Rosana Sampaio e Marisa Mancini (2007), levando-se em consideração um conjunto de palavras-chave (acrobacia, circo, escola, atividades circenses), por meio de

consulta a bases de dados e repositórios, como Scielo, Sportdiscus, Medline – PUBMED e Catálogo de Teses e Dissertações da Capes. Os documentos encontrados foram fichados e incluídos nas bases de dados das pesquisadoras responsáveis. Ao mesmo tempo fizeram-se o levantamento de escolas da região citada e o contato com as secretarias de educação dos municípios, via e-mail e telefone, e solicitados os contatos de pedagogos/as e professores/as de áreas afins à pesquisa, como educação física ou arte.

Demos início, num segundo momento, a um estudo de campo por meio de um questionário online, que foi respondido por 26 docentes. A construção do questionário foi baseada na sequência de etapas lógicas descritas por Eva Marconi e Marina Lakatos (2003), planejando inicialmente o que seria mensurado e depois formulando perguntas aos/as professores/as sobre o conhecimento do circo e do seu ensino. Após análise das respostas e da revisão da bibliografia específica, organizamos um curso adaptado à realidade regional encontrada, oferecido aos/as respondentes do questionário no mês de junho de 2023, totalizando 12 horas, divididas em três módulos. Dezesesseis docentes que responderam ao questionário manifestaram interesse no curso, porém, após o estabelecimento de datas e horários dos encontros, houve a adesão de sete docentes, que completaram as atividades. Durante a realização dos três encontros do curso de formação foram registradas em diário de campo diversas informações sobre a participação dos/as professores/as, assim como comentários e falas relevantes.

Uma vez finalizado o curso, entrevistas semiestruturadas foram realizadas com os/as participantes (TRIVIÑOS, 1992), para obter informações sobre sua experiência e confrontar os dados obtidos com as demais fontes. Dessa forma, a elaboração da entrevista visou encontrar informações sobre a formação e as experiências prévias dos/as docentes, incluindo o circo, o andamento do curso de formação e de que forma este teria impactado a prática pedagógica, encorajando-os/as a inserir esses conhecimentos no planejamento de ensino.

Cabe destacar que, para atender aos objetivos da pesquisa propostos inicialmente, algumas perguntas foram redirecionadas, de acordo com as peculiaridades de cada sujeito/a e do andamento da conversa, conforme prevê esse instrumento. Visando à qualificação da coleta de dados, foram organizadas categorias ‘orientadoras’, constituídas a partir de estudos similares anteriores (ONTAÑÓN, 2016; DUPRAT & PEREZ GALLARDO, 2010), porém, adaptadas a essa nova experiência.

Ao todo quatro docentes foram entrevistados/as. Como critérios de inclusão, utilizamos os seguintes parâmetros: deveriam ter respondido ao questionário, participado de todos os encontros do curso oferecido e participado voluntariamente da pesquisa. Caso o número de docentes fosse superior a quatro, as pesquisadoras escolheriam os/as participantes visando obter um perfil profissional variado. Como critério de exclusão, foi estabelecido qualquer tipo de afastamento das atividades docentes durante a fase de coleta de dados, assim como a não-disposição em colaborar com a pesquisa.

Cabe destacar que todas as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas para facilitar a análise. O procedimento oficial de assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aconteceu antes da entrevista, e o áudio dos depoimentos foi gravado de modo digital. Tais procedimentos metodológicos, bem como os documentos que certificam seu rigor e especificações éticas, foram descritos de modo pormenorizado no projeto tramitado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG¹.

No que se refere à forma de tratamento dos dados coletados, trabalhamos com a análise categorial de acordo com a similaridade das temáticas encontradas, seguindo as proposições de Laurence Bardin (2011) e a sistemática proposta por Marcílio Souza Júnior, Marcelo de Melo e Maria Eliete Santiago (2010). Tratados mediante análise temática e interpretativa, os dados obtidos foram reduzidos a categorias que ajudassem posteriormente sua análise e discussão, como, por exemplo, experiência prévia dos/das docentes, perspectivas de atuação com circo e dificuldades. A discussão foi realizada a partir do confronto desses dados com os pressupostos teóricos obtidos na análise da literatura, corroborando ou não os argumentos apresentados durante a delimitação do problema. Utilizamos o procedimento de triangulação de fontes de dados e análises, por meio do qual tentamos dotar a pesquisa de maior credibilidade e confiabilidade interna, conforme sugerem Alda Alves-Mazzotti e Fernando Gewandsznajder (2004).

Resultados e discussão

A partir da década de 1990 identifica-se uma fase de crescimento da produção bibliográfica sobre ensino do circo em contextos educativos, ainda mais evidente a partir do ano 2000, e que continua em expansão (ONTAÑÓN, DUPRAT & BORTOLETO, 2012). Em diferentes publicações, autores/as destacam o potencial educativo do circo, discutindo o papel pedagógico e formativo das atividades artísticas e expressivas (MATEU & BORTOLETO, 2011). Os trabalhos de Rodrigo Duprat (2007), Teresa Ontañón e Marco Bortoleto (2014) oferecem interessantes relatos de experiência e também levantam importantes reflexões quanto à organização curricular dos conteúdos, apontando caminhos que aproximam o circo da escola.

As publicações nacionais de referência na área consideram o circo como patrimônio cultural da humanidade e, desta forma, saber pertinente à educação de maneira geral, que pode ser abordado em diversas disciplinas, especialmente as relacionadas a arte e educação física. Para exemplificar, estudos como os de Ontañón (2016), Duprat (2007) e Luís Henrique Rodrigues (2007) sublinham de que forma as atividades circenses podem ser inseridas no currículo da educação física. O circo é, assim, apontado como tema de ensino que oferece às crianças a oportunidade de ampliar suas linguagens estéticas e expressivas,

proporcionando “alternativas de incentivo criativo e de expressão corporal, garantindo na escola um espaço de resgate histórico da cultura popular, a qual é composta por instrumentos poderosos de construção para uma educação inclusiva” (RODRIGUES, 2007, p. 14). Em última análise, que integrem a arte ao seu repertório cultural como princípio norteador da aprendizagem.

Historicamente o circo é um fenômeno multi e transdisciplinar, estudado por diferentes profissionais. No caso específico dos/as professores/as, devem entender as diversas manifestações circenses e suas modalidades para poder adaptá-las ao âmbito escolar e, dessa forma, utilizar a metodologia que melhor se adéque a cada situação e contexto. Apesar do crescente interesse para inserir o circo na escola, entendemos serem necessários esforços em diversas esferas, principalmente no que se refere ao currículo e à formação dos/das docentes. No plano dos documentos oficiais e currículos nacionais e estaduais, observamos como o circo no Brasil já aparece em diversas propostas dedicadas à elaboração curricular, embora não apareça de forma aprofundada em documentos nacionais. Encontramos citações e referências a ele, por exemplo, nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1997) ou na Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018). Na BNCC, o circo aparece apenas relacionado à ginástica, o que avaliamos não ser suficiente, pois sem a atenção necessária, há o empobrecimento das possibilidades pedagógicas de atuação na escola.

Ao nível estadual, diversas propostas exploram com maior aprofundamento as atividades circenses, como é o caso do *Livro didático de Educação Física do estado do Paraná para o Ensino Médio* (PARANÁ, 2008), no qual se debate o circo como componente da educação física escolar; o *Referencial Curricular do estado do Rio Grande do Sul*, no qual aparecem as acrobacias circenses como proposta para as aulas de educação física; o livro *Práticas corporais e a organização do conhecimento*, elaborado pela Universidade Estadual de Maringá, que inclui um capítulo sobre atividades circenses e que foi entregue a todas as escolas do estado do Paraná (DUPRAT, ONTAÑÓN & BORTOLETO, 2014); em programas como o *Mais Educação*, que integram as ações do Plano de Desenvolvimento da Educação – PDE. Tais documentos fomentam a implementação de ações socioeducativas nas escolas das redes públicas, desenvolvendo atividades em vários campos e apresentando atividades circenses nas escolas desde 2010 e aportando material de circo para que os/as professores/as possam trabalhar.

No estado de Minas Gerais, local onde se desenvolveu esta pesquisa, encontramos o *Currículo Referência de Minas Gerais* (MINAS GERAIS, 2018), em que o circo aparece como atividade complementar, principalmente no ensino infantil, nos campos de experiências *corpo, gestos e movimentos*, nos quais crianças menores são estimuladas a “participar de diversas atividades de cuidados pessoais e do contexto social, de brincadeiras, encenações teatrais ou *circenses*, danças e músicas; desenvolver práticas corporais e autonomia para cuidar de si, do outro e do ambiente” (MINAS GERAIS, 2018, p. 109).

É possível observar nas escolas uma vontade de aproximação e até mesmo uma curiosidade sobre o circo. Contudo, para podermos de fato falar sobre a materialidade dessa relação, realizamos um questionário online intitulado *Circo na escola: incentivando experiências no Triângulo Mineiro*, com seis questões relacionadas à inserção do circo nos ambientes escolares, para determinar se o circo estava presente, e de que maneira, nas escolas da região pesquisada. O questionário foi respondido por 26 docentes da educação básica, incluindo professores/as de educação física, de arte e pedagogos/as. Das cidades mineiras citadas no questionário, obtivemos respostas principalmente de Ituiutaba, mas também de Canápolis, Capinópolis, Flor de Minas, Frutal e Uberlândia. Desses/as 26 professores/as, apenas nove indicaram já inserir o circo em suas aulas. Dezesete docentes afirmaram não inserir o circo em suas aulas, e os motivos foram diversos: falta de domínio do conteúdo, medo de que alunos/as se machuquem, falta de habilidade, falta de conhecimento, tema não contemplado nas orientações curriculares, entre outras respostas similares.

Os/As docentes que responderam afirmativamente apontaram que incluem atividades isoladas apenas nas datas comemorativas – especialmente no Dia do Circo² – não necessariamente incluídas no planejamento de ensino. Tal fato mostrou alguma similaridade com o ensino da dança na escola, que em muitos momentos acaba restrito a eventos pontuais do calendário escolar, como mostram os trabalhos de Livia Brasileiro (2006) e Nilza Sousa, Cynthia Hunger e Sandro Caramaschi (2010). Apenas quatro professores/as abordavam o circo de maneira mais aprofundada, com várias aulas dedicadas à temática. Sobre a etapa da escolarização em que os/as docentes inseriam as atividades circenses, cinco citaram ensino infantil e sete ensino fundamental; ninguém citou o ensino médio. Quando questionados/as sobre as modalidades circenses desenvolvidas nas aulas, as respostas foram diversas:

Quadro 1 - Modalidades circenses desenvolvidas pelos/as docentes nas aulas.

Docente	Modalidades circenses desenvolvidas
1	Construção de materiais, rolamentos, malabares, pé de lata, equilíbrios.
2	Profissionais do circo (abordagem teórica).
3	Atividades com arcos, mágicas e malabarismos.
4	Malabares, acrobacias, palhaços e equilíbrios.
5	Equilíbrio (slackline, pé de lata), malabares, rolamentos, danças.
6	Atividades de equilíbrio e malabarismo.
7	Malabarismo e equilíbrismo.
8	Acrobacia, malabares e música.
9	Acrobacias, equilíbrio e malabarismo.

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2023.

Pudemos identificar resultados similares aos das pesquisas de Samuel Araújo, Beatriz Souza, Neil Almeida (2021) e Ribeiro *et al* (2021) sobre segmentos de ensino e modalidades circenses mais abordadas na escola, pelo fato de serem mais divulgadas, requisitarem materiais mais acessíveis aos/as professores/as ou não necessitarem de nenhum tipo de material e até mesmo por terem mais possibilidades de adaptação ao contexto escolar, como acrobacias, equilíbrios ou malabares, citados pela maioria dos/as docentes.

Outra informação interessante é o fato de cinco professores/as – entre nove que inseriram o circo em suas atividades – afirmarem que esse conhecimento não foi abordado em sua formação inicial; outros/as quatro docentes tinham vivenciado o circo na formação continuada, por meio de cursos ou oficinas. Tal quadro corrobora as reflexões de Miranda e Ayoub (2017), Michele Presta, Rita Miranda e Mônica Ehrenberg (2021) sobre a formação inicial e continuada de professores/as no que se refere ao circo. Identificamos que ainda são em número reduzido as Instituições de Ensino Superior brasileiras que se sensibilizam por essa temática e trazem o circo para o centro do diálogo.

Sim, temos muito que avançar ainda, concordando com as autoras citadas quando afirmam que a formação continuada muitas vezes é:

constituída unicamente por eventos esporádicos, desvinculados das especificidades dos diferentes contextos escolares, bem como das necessidades de desenvolvimento profissional dos professores, não tem contribuído para mudanças reais na prática pedagógica e tampouco no cenário educativo de forma geral (PRESTA, MIRANDA & EHREMBERG, 2021, p.7).

Na última pergunta do questionário, os/as participantes foram convidados a integrar um curso de formação sobre o ensino do circo na escola. Dos/Das 26 professores/as que responderam ao questionário, 20 demonstraram interesse em participar.

A partir dos dados coletados no questionário, iniciamos a criação do curso de formação para professores/as sobre o ensino do circo na escola. Apoiadas em experiências similares vivenciadas pelas pesquisadoras responsáveis e os estudos publicados pelo Grupo Circus³, elaboramos um curso de 12 horas visando ‘ensinar a ensinar’ atividades circenses no âmbito escolar. O curso ficou dividido em três módulos de quatro horas cada um, da seguinte maneira:

Quadro 2 - Organização dos conteúdos abordados no curso de formação de professores/as.

Módulo 1 (4 horas)	Módulo 2 (4 horas)	Módulo 3 (4 horas)
Módulo teórico I; Manipulação de objetos: tule; Introdução à acrobacia circense e preparo do corpo; Acrobacias aéreas: tecido.	Módulo teórico II; Construção artesanal e manipulação de objetos: bola; Equilíbrio de objetos: jornal e prato chinês.	Equilíbrio sobre objetos: rola-rola, pé de lata, perna de pau; Trabalho do ritmo, expressão e teatralidade circense; Possibilidades lúdicas: jogando com o circo.

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2023.

Uma vez organizado o curso, enviamos um e-mail a quem demonstrou interesse, informando sobre datas, horários e local. Foi dado um prazo para a realização das inscrições, considerando que nem todos/as poderiam participar por conta de horários, datas ou problemas de deslocamento entre cidades. Inicialmente, a adesão foi minoritária. Então, entramos em contato com a Secretaria de Educação, Esporte e Lazer da cidade de Ituiutaba/MG, onde seria realizado o curso, especificamente com o setor responsável pela formação continuada dos/das professores/as da região. Os/As responsáveis abraçaram a ideia e auxiliaram na divulgação, ação que ajudou a aumentar o número de inscritos/as, que chegou a 18 em poucos dias. Entretanto, uma vez iniciado o curso, percebemos que havia apenas sete participantes, sendo seis professoras, residentes na cidade de Ituiutaba/MG, e um professor, da cidade vizinha de Canápolis/MG.

No primeiro momento do curso realizamos uma avaliação sobre o conhecimento dos/das participantes a respeito do tema. Após este mapeamento, foi desenvolvida a contextualização histórica e cultural do circo e ocorreu o primeiro módulo prático, incluindo atividades de manipulação de objetos como lenços e tules, acrobacias individuais e uma introdução ao tema do tecido circense. As docentes e o docente puderam conhecer e experimentar os exercícios específicos da modalidade, bem como receberam orientações para desenvolver as atividades na escola com segurança. O retorno das professoras e do professor, já nesse primeiro encontro, foi muito positivo, pois mostraram interesse e participaram, se arriscaram nos malabares e, mesmo com receio ‘das alturas’ e ‘da vertigem’, experimentaram as acrobacias e o tecido.

O segundo encontro foi iniciado com uma conversa na qual apresentamos diversos relatos de experiências de circo na escola. Debates sobre as possibilidades de inserir essas atividades nas aulas, seguindo os princípios pedagógicos indicados por Ontañón, Bortoleto e Silva (2013) e aprofundados por Ontañón (2016). Na sequência aconteceu a construção de bolas de malabares com painço e bexigas (LOPES & PARMA, 2016); de acordo com a sequência pedagógica utilizada no módulo anterior com os tules, foi

realizada a manipulação das bolas de malabares. Para finalizar o módulo, as docentes e o docente vivenciaram o equilíbrio de objetos, utilizando folhas de jornal e pratos chineses, e de equilíbrio, incluindo algumas brincadeiras e truques possíveis. Durante o encontro, as/o participantes destacaram a facilidade de trabalhar com materiais alternativos e mostraram surpresa ao poderem trabalhar diferentes atividades circenses sem a necessidade de adquirir materiais específicos (BORTOLETO *et al.*, 2022; CARDANI *et al.*, 2017). Durante a entrevista final, uma professora de educação física também formada em gestão ambiental destacou que a utilização do material reciclável chamou muito a atenção, pois além de permitir a realização da atividade sem a necessidade de aquisição de material específico, permitiria tratar da questão ambiental com os/as alunos/as, por meio da reutilização.

O terceiro e último módulo apresentou alguns jogos e atividades voltadas ao ensino do ritmo, do fomento da expressividade e da teatralidade circenses, para que o/as docentes pudessem criar pequenas cenas e coreografias. Em seguida, foi explorado o conceito de ludicidade no universo circense, destacando sua importância no trabalho com crianças, como afirmam Marco Bortoleto, Pedro Pinheiro e Elaine Prodócimo (2011). Para finalizar o módulo, seguindo os aspectos pedagógicos elencados por Daniel Lopes *et al.* (2019), foram trabalhadas atividades de equilíbrio sobre objetos, com o rola-rola, a perna de pau ou o slackline (substituindo a corda bamba), destacando a relevância da segurança na realização das atividades. Realizamos uma conversa como forma de encerramento e avaliação do curso. Foram disponibilizados material bibliográfico e canais com recursos visuais de qualidade para trabalhar o circo na escola. Nos mostramos disponíveis para dar suporte às atividades docentes quando necessário. Por sua vez, as participantes e o participante do curso relataram já ter iniciado a implementação de algumas atividades trabalhadas no curso, como acrobacias, manipulação dos lenços e equilíbrio de objetos com jornal.

Uma vez encerrado o curso, entramos em contato com quatro docentes para realizar uma entrevista semiestruturada, como apresentado na metodologia. O objetivo foi trazer o ponto de vista de quem participou sobre a experiência das atividades circenses no âmbito escolar: uma professora de música que trabalha em escola regular, em espaços de educação não formal e no conservatório de música estadual da cidade; uma professora de educação física que atua na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental; um professor de educação física que atua na educação infantil; e uma pedagoga que trabalha na educação infantil, em anos iniciais do ensino fundamental e em espaços de educação não formal. Inicialmente, perguntamos sobre as experiências prévias ao curso que tinham vivenciado com o circo na escola. Afirmaram que já tinham realizado algumas ações, especialmente relacionadas à comemoração do Dia do Circo.

“existe uma forma antiga e engessada na escola, de se comemorar datas, né? Dia da Árvore, Dia do Índio, Dia do Folclore, dia da madeira, de dia do não sei o que... e tinha o dia do circo. Mas tinha uma professora de educação física lá, que era minha parceira, que gostava muito

do circo. Então, a gente preparava os meninos por duas semanas para fazer o Dia do Circo. Então, a gente sempre conseguiu fazer algumas coisas interessantes, mas infelizmente, não está inserido no currículo, como uma aula de arte, uma aula de música, uma aula de dança. Talvez também por que a gente não tem pessoas especializadas né? e acaba sempre só celebrando o dia, mas sem a profundidade devida” (Professora 1, 2023).

“a gente trabalhava raramente, na data do Dia do Circo, que aí têm projetos, e se fazia dentro daquele projeto. Se fazia o palhaço, alguma comemoração né... fazia um “truquezinho” de mágica, mas tipo assim eu apresentando para a turma, não os alunos colocando em prática” (Professora 2, 2023).

Como destacado por Santos-Rodrigues, Bortoleto e Lopes (2023), o circo adentra os contextos escolares de formas variadas, seja por meio de oficinas, de uma apresentação circense, “aulas-passeio” em que as crianças são levadas a um espetáculo de circo ou ainda em momentos pontuais, como as datas comemorativas. Entretanto, para que essas atividades consigam desenvolver o amplo potencial educativo defendido em diversos estudos (HOTIER, 2003; FOUCHET, 2006; ONTAÑÓN, 2016; BORTOLETO & SILVA, 2017), devem estar atreladas aos currículos e desenvolvidas perante um planejamento realizado por um/uma ou vários/as professores/as.

Duprat (2007) destacou a necessidade de o/a professor/a oferecer aos/às estudantes a oportunidade de vivência da linguagem circense considerando sua complexidade. Segundo o autor, para que o/a aluno/a tenha o aprofundamento dos conhecimentos, o/a professor/a deverá ter um domínio conceitual do circo, conhecer suas diferentes modalidades, as características específicas da arte circense etc., proporcionando experiências que incentivem os/as estudantes a querer saber mais, garantindo uma experiência integral, não somente uma prática descontextualizada, como acontece quando são realizadas atividades isoladas e sem relação com o planejamento pedagógico.

Tais questionamentos também foram levados ao curso de formação, refletindo sobre os processos de ensino das atividades circenses, pensando na didática, nas adaptações possíveis e seguindo os princípios pedagógicos elencados por Ontañón (2016). Durante as entrevistas, o/as docentes participantes comentaram sobre esses processos, afirmando que, quando planejados, conseguem alcançar resultados satisfatórios:

“Quando eu tinha uns 13 anos, tinha um projeto da prefeitura [...] eu tinha aula de circo. Foi a única vez que fiz. [...] era num barracão perto de uma igreja, era legal, lembro que tinha os malabares, que eu não conseguia, mas é porque não foi feito a didática com o tule (que foi realizada no curso), nós fomos direto para a bolinha. Então, eu fiquei marcada porque era uma atividade que eu não conseguia realizar, e não conseguia colocar nas minhas aulas” (Professora 2, 2023).

A modalidade citada pela professora foi a aprendizagem dos malabares. Durante o curso de formação, foi trabalhada a iniciação aos malabares com tules ou lenços, seguindo a sequência pedagógica do grupo Circus, que pode ser consultada no canal do coletivo⁴. O trabalho com os lenços no início da aprendizagem dos malabares possibilita obter um

tempo de reação muito maior se comparado com o da manipulação das bolas de malabares, pois o lenço demora mais do que a bolinha para cair no chão. Dessa forma, o/a aprendiz consegue interiorizar a lógica da manipulação, para depois transferi-la para outros malabares de lançamento, como bolas, claves ou aros.

Apesar de o curso ter abordado diversas atividades circenses, foi realizado em apenas 12 horas, com o intuito de sensibilizar docentes para essa temática na escola, despertando motivação, interesse e conhecimento em relação aos saberes circenses. Uma das professoras destacou a importância de aprofundar os conhecimentos adquiridos:

“A gente podia fazer por mais tempo, repetir as coisas mais vezes. Tem muita importância porque desperta a gente, a vontade de conhecer mais, de ter mais habilidade com as coisas, então, deixa o nosso lado criativo vivo, né, corpo vivo, isso é muito importante para um professor [...] foi pouco tempo, mas acho que deu um apanhado geral de tudo que existe, mostrou para a gente o material referencial teórico, que a gente pode correr atrás de saber mais, mas eu já usei algumas coisas, que já mandei umas fotos lá no grupo, a gente já fez a parte de acrobacia” (Professora 1, 2023).

Neste ponto, é preciso chamar a atenção para a urgência de focar a formação de professores/as, pois o circo está, de uma ou de outra forma, presente na escola. Até algumas décadas atrás, ocupava pouco ou nenhum espaço nos currículos de formação inicial dos cursos de arte e/ou educação física. Atualmente, apesar do crescente interesse, a formação sobre os saberes circenses é ainda incipiente, mas aos poucos cresce no Brasil, especialmente na região Sudeste do país, de acordo com os estudos realizados por Aline Caramês (2014), Rita Fernandes (2014) e Bruno Tucunduva (2015).

Outrossim, para lidar com a falta desses conhecimentos na graduação, muitos/as professores/as têm optado pela formação continuada para se qualificarem e poderem atuar com mais domínio. Os/As docentes interessados/as procuram escolas de circo, famílias circenses e fazem as próprias pesquisas, por meio de vídeos ou bibliografias. Atualmente, temos conhecimento de algumas universidades que percebem as possibilidades educativas do circo, especialmente pela grande procura e crescente interesse da população por essas atividades; assim, para suprir essas necessidades, começaram a oferecer algumas disciplinas e/ou projetos de extensão que incluem a prática (BORTOLETO & CELANTE, 2011; ONTAÑÓN & OLIVEIRA, 2023; TREVIZAN, CHAGAS & KRONBAUER, 2018).

Apesar dessa constatação, sabemos que a formação inicial ainda não se mostra atenta às possibilidades do ensino do circo na escola. Até que essa realidade mude, será responsabilidade do/da professor/a a busca por saídas na formação continuada, assim como fizeram os/as professores/as desta experiência, bem como a demanda a secretarias de educação, centros de formação continuada, universidades e outros espaços formativos. É importante salientar que, ao contrário de décadas atrás, atualmente há muito material disponível, o que pode ajudar sensivelmente os/as docentes interessados/as no assunto.

Atitudes de pesquisa e busca constante por novos recursos certamente ajudarão a compor uma proposta coerente e crítica para a formação dos/as estudantes.

Para finalizar a entrevista, as docentes e o docente fizeram uma avaliação geral do curso de formação, refletindo sobre os conhecimentos adquiridos, a segurança para conseguir abordar o circo em suas aulas e suas intenções de desenvolver alguma proposta com o circo no futuro. De forma geral, elogiaram o curso, destacando que, de fato, já estavam colocando as aprendizagens em prática nas suas aulas:

“com certeza né, tanto que eu já introduzi na Educação Infantil e no Fundamental, na medida que eu vivenciava o curso, eu inseria nas aulas de educação física. [...] eu sempre achei que era viável, eu não fazia por falta de conhecimento, de não ter a didática certa, de não ter segurança em abordar o tema. [...] antes eu não tinha essa segurança, eu gostei demais do curso, me enriqueceu bastante, ainda mais na minha disciplina, pude ver várias possibilidades” (Professora 2, 2023).

“[antes] nada me impedia de trabalhar com as atividades circenses nas minhas aulas... era mais a falta de conhecimento, de informação sobre o tema. Mas após o curso eu fiquei bastante apaixonado com as inúmeras possibilidades que eu posso trabalhar com meus alunos, ainda mais eles que são pequenos né?! Tudo é encantador para eles, dá para trabalhar de uma forma bem criativa, bem divertida” (Professor 3, 2023).

Como foi possível perceber, a formação continuada se mostra como uma das possibilidades reais para que o circo adentre o espaço escolar, por meio de docentes que se sentem preparados/as, motivados/as e, acima de tudo, comprometidos/as com os conhecimentos específicos, pedagógicos e interdisciplinares necessários para o tratamento crítico e coerente desses saberes seculares. Claro está que os desafios ainda são diversos e passam não somente pela formação inicial e continuada, mas também por questões de preconceito, ausência de planejamento nas aulas de educação física, infraestrutura, turmas numerosas, entre outras. Tais entraves perpassam a tematização de diferentes temas da cultura corporal, pois as condições materiais objetivas que temos nos contextos escolares nem sempre são favoráveis, requerendo cada vez mais investimentos de diferentes naturezas na formação de professores/as.

Considerações finais

Várias décadas se passaram desde as primeiras experiências com o circo nas escolas de educação básica. Seja nas disciplinas de arte, educação física, na educação infantil ou como atividade extracurricular, as atividades circenses conquistam cada vez mais espaço. A pesquisa e a divulgação científica acompanharam esse crescimento. Contudo, observamos que as oportunidades de formação, da inicial à continuada ou permanente, ainda estão muito aquém das necessidades dos/das profissionais que atuam nas escolas. Por esse motivo continuamos à mercê do senso comum e de uma intervenção ainda

pouco sistemática por parte dos/as professores/as que se ‘aventuram’ a trabalhar com esses saberes.

Por meio da pesquisa realizada, pudemos entender que existe um interesse considerável por parte dos/as professores/as. Apesar disso, muitos/as se sentem inseguros/as perante a tematização do circo na escola, receosos/as por não dominar os conteúdos, não saber ensiná-los, não possuir material específico ou por falta de segurança na realização das atividades. Nesse sentido, é importante entendermos que o/a docente não precisa ser artista para conseguir apresentar a seus/suas alunos/as como jogar malabares, se equilibrar sobre a perna de pau, saltar, rolar ou se expressar. Nos parece importante que o/a professor/a tenha a possibilidade de vivenciar a sensação de jogar três bolinhas no ar, de saber qual é a melhor forma de colocar as mãos para fazer um rolamento ou conhecer a importância de usar material de segurança ao subir no tecido, ou seja, ser consciente de que existem especificidades pedagógicas que contribuem para o ensino das atividades circenses.

Foi justamente essa possibilidade que buscamos viabilizar por meio do curso de formação, constatando ao final que o/as participantes ganharam confiança e recursos necessários para levar o circo até suas turmas. Entendemos que somente com a inclusão de maneira regular e profunda da pesquisa e da formação conseguiremos garantir, num futuro não tão distante, melhores condições para o ensino do circo nas escolas.

Cabe destacar que, apesar de termos identificado um número considerável de professores/as interessados/as na realização de um curso de formação durante a aplicação do questionário inicial, o número de professores/as que realmente realizou o curso de formação foi menor do que o esperado. Entendemos que os motivos podem ser diversos, como pouco tempo para dedicar à formação continuada, reduzida cobrança/supervisão dos órgãos reguladores sobre a formação, excesso de carga de trabalho docente, desinteresse por novos conhecimentos, entre outros fatores. Sendo assim, o compromisso de se atualizar e explorar novos conhecimentos deve ser parte fundamental da ação dos/as professores/as, mas principalmente dos/das gestores/as das escolas e das instituições encarregadas da formação inicial e continuada, particularmente universidades e secretarias de educação, que, de modo geral e apesar do crescente interesse, não mostram a sensibilidade necessária sobre o tema.

A pesquisa realizada nos mostrou o desafio de proporcionar meios aos/às professores/as interessados/as em levar o circo até as crianças com segurança e sistemática. Faz-se evidente a necessidade de seguir pesquisando esse fenômeno, visando conhecer de perto outras experiências pedagógicas, algo que parece ser fundamental para melhorar a qualidade das intervenções e que pode contribuir para novos processos de formação e qualificação dos/das profissionais que desejem atuar nessa área. Já são muitas as instituições educativas que perceberam o potencial educativo do circo, incluindo-o em seus projetos pedagógicos ou em suas atividades regulares.

Notamos, contudo, que em inúmeras ocasiões a introdução desses saberes circenses acontece de maneira assistemática, descontextualizada, por vezes obrigatória, fazendo com que os/as professores/as desenvolvam atividades que não conhecem bem, apenas para cumprir o programa sugerido, sem formação adequada para isso. Tal cenário permite que professores/as leigos/as na temática e que sequer compreendem o significado da arte ou do circo na educação, muito menos a metodologia adequada, ensinem esses conteúdos. Por incrível que pareça, isso é frequente, podendo gerar situações indesejadas que comprometem inclusive a integridade física dos/as estudantes. Sem uma ação reflexiva, formação adequada e organização pedagógica da intervenção, podemos ter graves problemas, na aprendizagem dos/as alunos/as ou mesmo no devido trato que o circo merece, com a possibilidade de deixá-lo restrito a experiências isoladas, caricaturizadas e carentes de significado.

Recebido em: 11/04/2024; Aprovado em: 16/05/2024.

Notas

- 1 Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa registrado com o CAAE 56585922.1.0000.0197.
- 2 O Dia Nacional do Circo é comemorado no Brasil em 27 de março, data de nascimento do artista Abelardo Pinto, o famoso Palhaço Piolin.
- 3 Grupo de Pesquisa em Circo vinculado à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas – Circus/FEF/Unicamp. Disponível em: <<https://www.fef.unicamp.br/fef/posgraduacao/gruposdepesquisa/circus/apresentacao>>. Acesso em: 11 mar. 2024.
- 4 Disponível em: <<https://www.youtube.com/@CircusUnicamp>>. Acesso em: 11 mar. 2024.

Referências

ABRAHÃO, Sergio. *Valoración de las actividades circenses en la formación del profesorado de Educación Física: Una propuesta para la transformación social en la escuela*. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universitat de Barcelona, Barcelona, Espanha, 2011.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith & GEWANDSZNAJDER, Fernando. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo: Thomson, 2004.

ARAÚJO, Samuel Moreira de, SOUZA, Beatriz Gomes de & ALMEIDA, Neil Franco Pereira de. O circo entra na escola: as manifestações circenses em uma escola pública na cidade de Juiz de Fora/MG. *Arquivos em movimento*, v.17, n.1, 2021, p. 56-68.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo, SP: Edições 70, 2011.

- BORTOLETO, Marco Antônio Coelho & CELANTE, Adriano Rogerio. O ensino das atividades circenses no curso de Educação Física: experiências na universidade pública e privada. In: PEREIRA, Elisabete M. Aguiar; CELANI, Gabriela & GRASSI-KASSISSE, Dora Maria. (Orgs.). *Inovações curriculares: experiências no ensino superior*. Campinas, SP: FE/UNICAMP, 2011.
- BORTOLETO, Marco Antônio Coelho, PINHEIRO, Pedro Henrique & PRODÓCIMO, Elaine. *Jogando com o circo*. Jundiaí – SP: Editora Fontoura, 2011.
- BORTOLETO, Marco Antônio Coelho & SILVA, Ermínia. Circo: educando entre as gretas. *Rascunhos*. v. 4, n. 2, 2017, p. 104-117.
- BORTOLETO, Marco Antônio Coelho *et al.* Circo en la escuela: compartiendo prácticas pedagógicas. *Mhsalud-Revista en ciencias del movimiento humano y la salud*, v. 19, 2022, p. 1-13.
- BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Secretaria de Educação Fundamental (SEF). *Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.
- BRASILEIRO, Livia Tenório. O conteúdo “dança” em aulas de educação física: Temos o que ensinar?. *Pensar a Prática*, v. 6, 2006, p. 45–58.
- BUSSE, Hans. *Artistik: Hohe schule der Körperkunst*. Berlim: Zentralhaus-Publ., 1991.
- CARAMÊS, Aline de Sousa. *Professores na corda bamba: As atividades circenses na formação inicial enquanto conteúdo da Educação Física*. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.
- CARDANI, Leonora Tanascovici *et al.* Atividades circenses na escola: a prática dos professores da rede municipal de Campinas-SP. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, v. 25, 2017, p. 128-140.
- CHUNG, Li. Serving PE Teachers’ Professional Learning Experiences in Social Circus. *New Horizons in Education*, v. 58, n. 1, 2010.
- COASNE, Joelle. *Pour une approche artistique du cirque au collège*. Elaboration d’une ingénierie didactique collaborative en EP&S en classe de 5ème. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Ciências e Técnicas das Atividades Físicas e Esportivas, Universidade de Rennes 2, Rennes/FR, 2013.
- DUPRAT, Rodrigo Mallet. *Atividades circenses: possibilidades e perspectivas para a Educação Física escolar*. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, 2007.
- DUPRAT, Rodrigo Mallet & PEREZ-GALLARDO, Jorge. *Artes circenses no âmbito escolar*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010.
- DUPRAT, Rodrigo Mallet, ONTAÑÓN, Teresa Barragán & BORTOLETO, Marco Antônio Coelho. Atividades circenses. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime, DARIDO, Suraya Cristina & OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bassoli de. (Orgs.) *Ginástica, dança e atividades circenses*. Maringá: Editora Universidade Estadual de Maringá – EDUEM, v. 3, 2014, p. 119-157.
- FERNANDES, Rita de Cassia. *Do tecido à lona: as práticas circenses no tear da formação inicial em Educação Física*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2014.
- FERREIRA, Diego; BORTOLETO, Marco Antônio Coelho & SILVA, Ermínia. *Segurança no circo: questão de prioridade*. 1. ed. Várzea Paulista: Fontoura, 2015.

- FOUCHET, Alain. *Las artes del circo: una aventura pedagógica*. Buenos Aires: Stadium, 2006.
- HEINEMANN, Klaus. *Introducción a la metodología de la investigación empírica*. Barcelona: Paidotribo, 2003.
- HOTIER, Hugues (Org.) *La fonction éducative du cirque*. Paris: L'Harmattan, 2003.
- INVERNÓ, Josep. *Circo y educación física: otra forma de aprender*. Barcelona: INDE, 2003.
- KRONBAUER, Glauca Andreza & NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. Circo e a educação do corpo: da capitalização dos espetáculos à sala de aula. *Revista Contemporânea de Educação*, v. 9, n. 18, 2014, p. 317-337.
- LOPES, Daniel de Carvalho & PARMA, Marcio. *Construção de Malabares - passo-a-passo*. Jundiaí/SP: Fontoura, 2016.
- LOPES, Daniel de Carvalho *et al.* Corpo e arte: uma proposta pedagógica na Educação Física a partir da bola de equilíbrio circense. *Educación Física Y Ciencia*, v. 21, 2019, p. 76-93.
- MARCONI, Marina & LAKATOS, Eva. *Fundamentos da Metodologia Científica*. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2003.
- MATEU, Mercé Serra & BORTOLETO, Marco Antônio Coelho. La lógica interna y los dominios de acción motriz de las situaciones motrices de expresión (SME). *Emancipação*, v. 11, n. 1, 2011, p. 129-142.
- MINAS GERAIS. *Currículo Referência de Minas Gerais*. Minas Gerais, 2018.
- MIRANDA, Rita de Cassia Fernandes & AYOUB, Eliana. Por entre as brechas dos muros da universidade: O circo como componente curricular na formação inicial em Educação Física. *Revista Portuguesa de Educação*, v. 30, n. 2, 2017, p. 61-83.
- MIRANDA, Rita de Cassia Fernandes & BORTOLETO, Marco Antônio Coelho. O circo na formação inicial em educação física: um relato autoetnográfico. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 40, n. 1, 2018, p. 39-45.
- ONTAÑÓN, Teresa Barragán. *Circo na escola: por uma educação corporal, estética e artística*. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.
- ONTAÑÓN, Teresa Barragán; DUPRAT, Rodrigo Mallet & BORTOLETO, Marco Antônio Coelho. Educação física e atividades circenses: "o estado da arte". *Movimento*, v. 18, n. 2, 2012.
- ONTAÑÓN, Teresa Barragán; BORTOLETO, Marco Antônio Coelho & SILVA, Ermínia. Educación corporal y estética: las actividades circenses como contenido de la educación física. *Revista Iberoamericana de Educación*, n. 62, 2013, p. 233-243.
- ONTAÑÓN, Teresa Barragán & BORTOLETO, Marco Antônio Coelho. Todos a la pista: El circo en las clases de educación física. *Apunts Educación Física y Deportes*, n. 115, 2014, p. 37-45.
- ONTAÑÓN, Teresa Barragán *et al.* O papel da extensão universitária e sua contribuição para a formação acadêmica sobre as atividades circenses. Goiânia: *Pensar a prática*, v. 19, n. 1, jan./mar, 2016.
- ONTAÑÓN, Teresa Barragán & OLIVEIRA, Natália Araújo. Aprendendo a ensinar circo: A curricularização da extensão universitária e seus impactos na formação dos discentes. Ponta Grossa: *Revista Conexão UEPE*, v. 19, 2023, p. 01-14.
- PARANÁ. Governo do Estado. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. *Diretrizes Curriculares da Educação Básica – Educação Física*, Paraná, 2008.

- PRESTA, Michelle Guidi Gargantini; MIRANDA, Rita de Cassia Fernandes & EHRENBURG, Mônica Caldas. Formação continuada de professores: o circo em debate. *Educação: teoria e prática*, v. 31, n. 64, 2021, p. e10.
- PRICE, Christopher. Circus for Schools: Bringing a Circo Arts Dimension to Physical Education. Canada: *Revue PHENEPS*, v. 4, n. 1, 2012.
- RIBEIRO, Camila Silva *et al.* O “não lugar” do circo na escola. *Revista Portuguesa De Educação*, v. 34, n. 1, 2021, p. 246-263.
- RODRIGUES, Luis Henrique. *Representação das atividades circenses na escola*. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Educação Física, Fisioterapia e Desportos, Universidade de Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.
- SAMPAIO, Rosana Ferreira & MANCINI, Marisa Cotta. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. São Carlos: *Revista Brasileira em Fisioterapia*, v. 11, n. 1, jan./fev. 2007, p. 83-89.
- SANTOS-RODRIGUES, Gilson *et al.* Atividades circenses na Educação Física escolar: análise sistemática da produção bibliográfica (2016-2020). *Caderno de Educação Física e Esporte*, v. 19, 2021, p. 1-7.
- SANTOS-RODRIGUES, Gilson; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho & LOPES, Daniel de Carvalho. Circo na escola: educação e arte na Educação Básica. *Urdimento-Revista De Estudos Em Artes Cênicas*, v. 1, 2023, p. 1-27.
- SOUSA, Nilza Coqueiro Pires de; HUNGER, Cynthia França & CARAMASCHI, Sandro. A Dança na Escola: um sério problema a ser resolvido. *Motriz: Revista de Educação Física (Online)*, v. 16, 2010, p. 496-505.
- SOUZA JÚNIOR, Márcilio Barbosa Mendonça; MELO, Marcelo Soares Tavares de & SANTIAGO, Maria Eliete. A análise de conteúdo como forma de tratamento dos dados numa pesquisa qualitativa em educação física escolar. Porto Alegre: *Movimento (ESEF/UFRGS)*, v. 16, n. 3, jun. 2010, p. 29-47.
- TIAEN, Marcos Sergio. *Atividades circenses na formação continuada do professor de educação física*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Faculdade de Educação, Santa Maria, 2014.
- TREVIZAN, Maiara; CHAGAS, Paula Izabella & KRONBAUER, Glaucia Andreza. Circo em Contextos – diálogos entre a cultura e a extensão universitária. Ponta Grossa: *Revista Conexão UEPG*, v. 14, n. 1, 2018, p. 130-139.
- TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1992.
- TUCUNDUVA, Bruno Barth Pinto. *O circo na formação inicial em educação física: inovações docentes, potencialidades circenses*. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, 2015.
- UNESCO. El circo: un arte internacional. París: *Revista El Correo (ONU)*, ano XI, n. 117, p. 1-37, 1988.